



CONHECENDO O INIMIGO INTERNO

"OS DISSIDENTES" E O MUNDO OCIDENTAL

A. de Lannes

Há pouco mais de vinte anos, chegou ao Ocidente, a notícia do espetacular discurso "secreto" de Krushev, durante a realização do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, acusando Stalin dos mais horríveis crimes contra seus inimigos e seus próprios "camaradas".

Naquele ocasião, os comunistas de fora da União Soviética, inclusive os residentes no Brasil e pertencentes ao clandestino Partido Comunista Brasileiro — Organização de Frente do Movimento Comunista Internacional — recusaram-se a aceitar "as mentiras divulgadas pela imprensa reacionária a serviço dos imperialistas ianques". Entretanto, a nudez a que ficou reduzido o todo poderoso "Pai Stalin", acabou por abalar a convicção de muitos dos adeptos do blefe comunista, cujos chefes, logo que recuperados do golpe, verificaram que a saída seria degradar Stalin e responsabilizá-lo pelos "desvios" ocorridos. Com isso, tentaram — inutilmente, sabemos nós — desvincular o terror stalinista do regime implantado na URSS com o golpe bolchevique de 1917. "Stalin aproveitara-se do poder operário em seu benefício", diziam dele. Stalin, na verdade, usou todo o poder e todos os métodos que o regime comunista coloca nas mãos de quem exerce o mando. Assim foi, e assim será.

O marxismo-leninismo independe dos homens que eventualmente dirigem uma nação submetida. A sua natureza intrinsecamente retrógrada, desumana e anticristã, lhe confere essas qualidades negativas que só perderá quando se perder a si mesmo.

Mas, a vida passou e Krushev desenvolveu a estratégia da "coexistência pacífica" que consiste, basicamente, em morder soprando, para anestesiar a vítima. Krushev foi-se e veio Breshnev.

De repente, eis que, começaram a chegar notícias de protestos de uns poucos, mas corajosos, russos. Intelectuais — cientistas dos mais variados campos — passaram a desafiar o regime bolchevique e comprovou-se, mais uma vez, que realmente o comunismo não depende dos homens que estão no poder, quando se trata de alterar o seu próprio espectro totalitário. Mesmo sem Stalin, os hospitais psiquiátricos continuam lá. No regime comunista, quem ousa discordar de qualquer coisa, é realmente louco... Aos descontentes, tome lá de hospital de maluco. Da mesma forma como há vinte anos atrás, os indistigáveis propagandistas do comunismo no Brasil, tentaram torcer os fatos, minimizar a sua repercussão e

esconder as notícias. Mas, a onda tem sido demais para o barco comunista. Os descontentes, chamados "dissidentes", começaram a aparecer em carne e osso e, sempre em maior número.

Em fins de abril deste ano, mais cinco deixaram a URSS, livraram-se do cativeiro comunista. Para que se compreenda os seus estados de espírito, basta que se recorde as palavras de Eduard Kustenov, ao falar pelo grupo, logo depois de chegar aos Estados Unidos: "Ainda não nos acostumamos aos rostos livres que expressam boa vontade. Ainda não podemos acreditar que deixamos para trás os nossos sofrimentos". Termina pedindo que os governos ocidentais intercedam pelos outros encarcerados na União Soviética.

Em Moscou, o físico nuclear, Andrei Sakarov — que se nega a abandonar o país — fez o mesmo apelo.

O Ocidente, entretanto, está muito enfraquecido diante da ação comunista internacional para conseguir algo mais positivo. Esses cinco dissidentes foram trocados por dois espões russos que a União Soviética desejava recuperar. No Brasil, particularmente, os livros e discursos dos dissidentes são fracamente divulgados. Por que nenhuma Universidade brasileira, jamais convidou nenhum deles para conferências? Será o bloqueio das famosas "patrulhas ideológicas", recentemente denunciadas, até numa importante universidade da cidade do Rio de Janeiro?

Há cerca de um ano, Alexander Solzhenitsyn pronunciou um discurso dirigido aos estudantes da Universidade de Harvard (EUA) por ocasião das cerimônias de graduação. O libelo do escritor russo contra as fraquezas e vulnerabilidades do Ocidente teve grande repercussão na imprensa mundial. Seus conceitos merecem reflexão e difusão, pelo que, resolvemos publicá-lo, utilizando a versão divulgada, na ocasião — junho de 1978 — pelo "Estado de São Paulo".

Discurso de Solzhenitsyn em Harvard

Estou sinceramente feliz por estar aqui hoje com os senhores e por travar conhecimento com esta venerada e prestigiosa universidade. Meus cumprimentos e meus melhores votos aos formandos de hoje.

O lema de Harvard é Veritas. Muitos de vocês já descobriram, e muitos ainda irão descobrir no decurso de suas vidas, que a verdade nos engana se não concentramos toda a nossa atenção em sua busca. E, mesmo quando ela nos engana, a ilusão de que a conhecemos ainda persiste e nos leva a vários mal-entendidos. E mais: a verdade raramente é agradável; ela é quase invariavelmente amarga. Há um pouco de amargura em meu discurso de hoje, também. Mas eu gostaria de realçar que ela é provocada não por um adversário, mas por um amigo.

Três anos atrás, nos Estados Unidos, eu disse certas coisas que então pareceram inaceitáveis. Hoje, contudo, muita gente concorda com o que eu disse.

A divisão do mundo de hoje é perceptível mesmo com uma rápida olhadela. Qualquer um de nossos contemporâneos prontamente identifica duas potências

mundiais, cada uma perfeitamente capaz de destruir inteiramente a outra. Contudo, o entendimento desta divisão quase sempre se limita a este conceito político, e com a ilusão de que o perigo pode ser abolido, através de negociações diplomáticas bem sucedidas ou através de um equilíbrio de forças. A verdade é que a divisão é muito mais profunda e alienante, que as fendas são mais numerosas do que parecem à primeira vista. Estas fendas provocam o perigo de vários desastres para todos nós de acordo com a antiga verdade segundo a qual um reino — no caso a Terra — dividido, não pode ficar de pé.

Há o conceito do Terceiro Mundo: de modo que já temos três mundos.

Na verdade, contudo, o número é ainda maior. Nós estamos muito distanciados para perceber. Qualquer cultura autônoma e profundamente arraigada, especialmente se ela se espalhou por uma grande parte da Terra, constitui um mundo autônomo, cheio de enigmas e surpresas para o padrão ocidental. No mínimo, devemos incluir nesta categoria a China, a Índia, o mundo mulçumano e a África, se aceitamos a generalização de encarar os dois últimos como unidades compactas. Durante mil anos a Rússia pertenceu a esta categoria, embora o pensamento ocidental tivesse sistematicamente cometido o engano de negar o seu caráter autônomo, e portanto nunca a entendendo, da mesma forma que hoje o Ocidente não entende a Rússia cativa do comunismo. Pode ser que nos últimos anos o Japão tenha se tornado cada vez mais uma parte distante do Ocidente; mas eu não estou aqui para julgar. Mas no que diz respeito a Israel, por exemplo, me parece que ele está à parte do mundo ocidental, pois seu sistema estatal é fundamentalmente ligado à religião.

E não faz muito tempo, relativamente, o pequeno e novo mundo europeu estava facilmente fazendo colônias em toda parte, e não apenas prevenindo toda e qualquer resistência real, mas também desprezando todos e quaisquer valores dos povos conquistados em relação à vida. Como tal, as conquistas foram um imenso sucesso, não houve nenhuma fronteira geográfica capaz de impedi-las. A sociedade ocidental se expandiu como um triunfo da independência e do poder humanos. E de repente, no século XX, sobreveio a descoberta de sua fragilidade e de sua iniquidade. Nós agora vemos que as conquistas demonstraram ser efêmeras e precárias, e isto aponta para erros na visão ocidental do mundo, que levaram a estas conquistas. As relações com o antigo mundo colonial agora chegaram ao seu oposto, e o mundo ocidental freqüentemente vai aos extremos da obsequiosidade; mas é difícil ainda estimar o total da conta que os antigos países colonizadores apresentarão ao Ocidente.

E ainda é difícil prever não apenas se a queda de suas últimas colônias, mas também de tudo o que ele possui, será suficiente para o Ocidente pagar a conta.

Mas a cegueira da superioridade continua, a despeito de tudo, e mantém de pé a crença de que vastas regiões do nosso planeta devem desenvolver-se e amadurecer até o nível dos atuais sistemas ocidentais, que em teoria são os melhores e na prática são os mais atraentes. Há esta crença de que todos estes outros

mundos estão apenas temporariamente impedidos de seguirem a via ocidental das democracias pluralistas ou de adotarem o modo de vida ocidental por governos perniciosos, ou por crises agudas, ou por sua própria crueldade ou incompreensão. Os países são medidos pelos méritos de seu progresso nesta direção. Contudo, este é um conceito que se desenvolveu a partir da incompreensão ocidental de entender a essência dos outros mundos e do engano de medi-los com um metro ocidental. A verdadeira face do desenvolvimento de nosso planeta é muito diferente.

A angústia em relação ao nosso mundo dividido deu origem à teoria da convergência entre os países ocidentais mais importantes e a União Soviética. Esta é uma teoria apaziguadora que despreza o fato de que estes mundos absolutamente não estão se desenvolvendo em semelhança; nenhum pode ser transformado no outro sem o uso da violência. Além disso, a convergência inevitavelmente significa a aceitação dos defeitos do outro, e isto não é certamente desejável.

Se eu hoje estivesse falando para uma platéia em meu país, examinando o padrão geral das rupturas do mundo, eu me concentraria nas calamidades do Leste. Mas desde que o meu exílio forçado no Ocidente já dura quatro anos, e desde que a minha platéia é ocidental, acho que seria de maior interesse eu concentrar-me em certos aspectos do Ocidente atualmente, tais como eu os vejo.

Um declínio na coragem... pode ser o traço mais marcante que um observador de fora percebe no Ocidente hoje em dia. O mundo ocidental perdeu sua coragem cívica, tanto em conjunto quanto separadamente, em cada país, em cada governo, em cada partido político e, evidentemente, nas Nações Unidas. Este declínio da coragem é particularmente visível entre os grupos dirigentes e a elite intelectual, provocando uma impressão de perda de coragem pela sociedade inteira. Naturalmente que há muitos indivíduos corajosos, mas eles não têm nenhuma influência determinante na vida pública. Burocratas políticos e intelectuais mostram depressão, passividade e perplexidade em suas ações e em suas declarações e principalmente em suas reflexões teóricas para explicar o quão é afiançável, realisticamente, racionalmente, e até intelectualmente e moralmente basear a política nacional na fraqueza e na covardia. E o declínio da coragem é ironicamente realçado por ocasionais explorações de raiva e inflexibilidade da parte destes mesmos burocratas quando eles negociam com governos fracos ou países fracos, sem apoio de ninguém, ou concorrentes que não podem oferecer nenhuma resistência. Mas eles ficam calados e paralisados quando tratam com os países poderosos e ameaçadores, ou com agressores ou terroristas internacionais.

É preciso enfatizar que desde os tempos remotos o declínio da coragem tem sido considerado como o começo do fim.

Quando os modernos Estados ocidentais foram criados, os seguintes princípios foram proclamados: os governos existem para servir ao homem, e o homem vive para ser livre e atingir a felicidade. (Veja-se, por exemplo, a Declaração de Independência norte-americana).

Agora, pelo menos nas últimas décadas, o progresso técnico e social permitiu a efetivação destas aspirações: o Estado do bem-estar social. Cada cidadão tem

recebido a desejada liberdade e os bens materiais, em quantidade e em qualidade, capazes de lhe garantir, em teoria, a realização da felicidade, no sentido moral inferior que se tornou comum nestas mesmas décadas. No processo, contudo, um detalhe psicológico foi deixado de lado: o constante desejo de uma vida ainda melhor e de mais bens, e a luta para obtê-los, marcam muitos rostos ocidentais com a preocupação e a depressão, embora seja costume esconder estes sentimentos. A competição ativa e tensa penetra todos os pensamentos humanos sem abrir uma saída para o desenvolvimento espiritual livre. A independência individual de muitos tipos de pressão estatal tem sido garantida; a maioria dos povos atingiu um nível de bem-estar que os seus antepassados não podiam sequer sonhar ser possível atingir; tem sido possível criar os jovens segundo estes ideais, conduzindo-os ao esplendor físico, à felicidade, à posse de bens materiais, de dinheiros e de lazer, e até quase uma liberdade ilimitada de prazer. Portanto, por que se deve arriscar tudo isto, por que, e a que título, se deve arriscar a nossa preciosa vida em defesa dos valores comuns, particularmente nestes casos nebulosos em que a segurança de uma nação deve ser definida num país distante?

Até a biologia sabe que uma segurança extrema habitual e um bem-estar freqüente não são vantajosos para os organismos vivos.

Atualmente, o bem-estar já começou a revelar a sua máscara perniciosa na vida da sociedade ocidental.

A sociedade ocidental se deu a organização mais adequada para seus anseios, baseada, eu diria, na letra da lei. Os limites dos direitos humanos e do que é legítimo são determinados por um sistema de leis; tais limites são muito amplos. Os povos do Ocidente adquiriram uma considerável habilidade no uso, na interpretação e na manipulação da lei, muito embora as leis tendam a ser muito complicadas e de difícil entendimento para uma pessoa mediana sem o auxílio de um perito. Todo conflito é resolvido de acordo com a letra da lei, e esta é considerada como a suprema solução. Se alguém está certo do ponto de vista legal, não se exige mais nada, e ninguém pode mencionar que aquela pessoa poderia não estar inteiramente certa, e solicitar uma autolimitação, ou uma predisposição à renúncia destes direitos legais; isto soaria simplesmente absurdo.

Ninguém se autolimita voluntariamente: Todo mundo opera no extremo limite desta moldura legal. Uma empresa petrolífera age legalmente quando compra uma invenção de um novo tipo de energia, com a finalidade de impedir o seu uso. Um produtor de alimentos age legalmente quando envenena o seu produto para fazê-lo durar mais: afinal o povo é livre para não o comprar.

Passei toda a minha vida sob um regime comunista, e eu lhes direi que uma sociedade sem nenhuma escala legal é uma sociedade realmente terrível. Mas uma sociedade sem outra escala que a legal também não é muito digna do homem. Uma sociedade que é baseada na letra da lei, e que nunca vai acima, se aproveita muito pouco das possibilidades humanas. A letra da lei é muito fria e muito formal para ter uma influência benéfica sobre a sociedade. Sempre que o tecido da vida é

costurado com relações legalísticas há uma atmosfera de mediocridade moral paralisando os mais nobres impulsos do homem.

E será simplesmente impossível enfrentar os julgamentos deste século ameaçado apenas com o suporte de uma estrutura legalística.

Na atual sociedade ocidental, a desigualdade é revelada pela liberdade de fazer boas ações e pela liberdade de fazer más ações. Um homem público que queira desenvolver alguma coisa importante e altamente construtiva para o seu país tem que se mover cautelosamente e até timidamente; existem milhares de críticos apressados e irresponsáveis em seu caminho, o Parlamento e a imprensa ficam rejeitando-o. Enquanto ele avança, é preciso que prove que cada passo que dá é absolutamente seguro e impecável. Na verdade, uma pessoa eminente e especialmente bem dotada, que tenha iniciativas incomuns e inesperadas, raramente consegue uma oportunidade de se impor; desde o início dezenas de armadilhas serão espalhadas à sua frente. Desta maneira, a mediocridade triunfa com a desculpa das restrições impostas pela democracia.

É factível e fácil, em toda parte, minar o poder administrativo, e de fato ele tem sido drasticamente enfraquecido em todos os países ocidentais. A defesa dos direitos individuais chegou a tais extremos que torna a sociedade como um todo indefensável contra certos indivíduos. Já é hora no Ocidente de defender não tanto os direitos humanos, mas as obrigações humanas.

Uma liberdade destrutiva e irresponsável atingiu um espaço sem limites. A sociedade parece ter pouca defesa contra o abismo da decadência humana, tal como, por exemplo, o mau uso da liberdade para a violência moral contra os jovens, em filmes cheios de crimes, pornografias e horror. Isto é considerado como parte da liberdade, e teoricamente contrabalançado pelo direito dos jovens de não ver ou não aceitar.

A vida organizada legalisticamente demonstrou, portanto, sua inabilidade de defender-se contra a corrosão do malfazejo.

E o que podemos dizer sobre o sombrio da criminalidade? Molduras legais (especialmente nos Estados Unidos) são suficientemente amplas para encorajar não apenas a liberdade individual, mas também certos crimes individuais. O ofensor pode continuar em punição ou obter imerecida indulgência com o apoio de milhares de defensores públicos. Quando um governo inicia uma enérgica luta contra o terrorismo, a opinião pública imediatamente o acusa de violar os direitos civis dos terroristas. Existem vários casos deste tipo.

Esta inclinação da liberdade em direção ao malfazejo tem ocorrido gradualmente, mas evidentemente nasceu, originalmente, de um conceito humanístico e benevolente, segundo o qual não há maldade inerente à natureza humana; o mundo pertence à humanidade, e todos os defeitos da vida são provocados por sistemas sociais errados, que necessitam ser corrigidos. Por mais estranho que possa parecer, e embora as melhores condições sociais tenham se desenvolvido no Ocidente, aqui existe ainda criminalidade, e numa proporção muito maior que na sociedade soviéti-

ca paupérrima e sem lei. (Existe uma enorme quantidade de prisioneiros em nossos campos forçados e que são etiquetados como criminosos, mas cuja grande maioria nunca cometeu um crime; eles simplesmente tentaram defender-se contra um Estado sem leis.)

A imprensa também, e naturalmente, goza da mais irrestrita liberdade. (Eu usarei o termo imprensa para concluir todas as mídias.) Mas que tipo de utilização ela faz desta liberdade?

Ainda aqui a principal preocupação é não infringir a letra da lei. Não há nenhuma responsabilidade moral pela deformação ou pela falta de proporção. Que tipo de responsabilidade tem o jornalista com relação aos seus leitores, à história?

Se ele ilude a opinião pública ou o governo através de informações incorretas ou através de conclusões erradas, é de nosso conhecimento qualquer caso de reconhecimento público, ou de retificação deste erro, por este mesmo jornalista ou pelo mesmo jornal? Não, isso não acontece, porque afetaria as vendas. Uma nação pode ser vítima deste erro, mas o jornalista sempre sai ileso. Pode-se até supor que ele vai insistir, e com maior confiança.

Porque é preciso fornecer informação instantânea e idônea, é necessário voltar às suposições, rumores e boatos a fim de preencher os vazios, e como nada disso vai ser retificado, tudo permanecerá na memória do leitor. E quantas informações apressadas, superficiais e enganosas são fornecidas diariamente confundindo os leitores, e sem nenhuma apuração. A imprensa pode, ao mesmo tempo, enganar e deseducar a opinião pública. Desta maneira, podemos ver terroristas transformados em heróis; ou informações confidenciais, referentes à defesa de um país, serem publicamente reveladas; ou podemos assistir à invasão, sem nenhuma vergonha, da privacidade de personalidades conhecidas, tudo feito sob a égide do lema "todo mundo tem o direito de saber de tudo". Mas este é um lema falso, característico de uma era falsa: o povo também tem o direito de não saber, e este é um direito mais valioso. O direito de não ter a sua alma divina entupida de mexericos, de absurdos, de conversa vã. Uma pessoa que leve uma vida frutífera, e que trabalhe, não necessita deste tipo de informação.

A precipitação e a superficialidade são doenças psíquicas do século 20, e mais do que em qualquer outra parte esta doença se reflete na imprensa. A análise em profundidade de um assunto é um anátema para a imprensa.

Ela pára ao nível das fórmulas sensacionalistas.

Apesar disso, contudo, a imprensa se transformou no maior poder dentro dos países ocidentais; ela é mais poderosa do que o Legislativo, o Executivo e o Judiciário. Pode-se, portanto, perguntar: sob qual lei ela foi eleita, perante quem ela é responsável? No Leste comunista, um jornalista é funcionário do Estado. Mas quem deu aos jornalistas ocidentais o seu poder, e por quanto tempo, e com quais prerrogativas? Há ainda uma outra surpresa para quem venha do Leste, onde a imprensa é rigorosamente unificada: descobre-se gradualmente um padrão comum de preferências dentro da imprensa Ocidental como um todo. É como uma moda: há

padrões de julgamento geralmente aceitos, e pode haver interesses econômicos comuns, e cujo resultado final não é a competição, mas a unificação. Uma liberdade enorme é fornecida à imprensa, mas não à informação, pois os jornais normalmente dão maior ênfase às opiniões que não se chocam abertamente com o seu padrão.

Sem censura, no Ocidente as tendências de opinião mais em moda são cuidadosamente separadas das que não estão em moda; nada é proibido, mas o que não está em voga dificilmente conseguirá espaço em jornais ou livros, ou será ouvido nas universidades. Legalmente os pesquisadores são livres, mas eles são condicionados pela moda do dia. Não há uma violência aberta, como no Leste: contudo, uma escolha ditada pela moda ou pela necessidade de responder aos padrões da massa freqüentemente evitam que pessoas mais independentes dêem a sua contribuição à vida pública. Há uma tendência perigosa de formarem-se rebanhos. Tenho recebido cartas de norte-americanos altamente inteligentes, talvez de um professor de uma cidadezinha longínqua que poderia fazer muito pela salvação deste país, mas sua voz não pode ser ouvida, pois a mídia não está interessada nele.

Isto provoca o aparecimento de preconceitos de massa muito fortes, a cegueira, o que é extremamente perigoso nesta era dinâmica. Há, por exemplo, uma interpretação enganosa do que é a situação mundial. Que funciona como uma espécie de couraça petrificada em volta das mentes de todo o mundo. As vozes de 17 países da Europa Oriental e da Ásia Oriental não conseguem penetrá-la. A couraça só será rompida pelo pé-de-cabra dos acontecimentos.

Mencionei alguns poucos traços da vida ocidental que surpreendem e chocam um forasteiro que acaba de chegar. O propósito e o objetivo deste discurso não me permitem continuar nesta resenha, e perscrutar a influência destas características ocidentais sobre importantes aspectos da vida de uma nação, tais como a educação elementar ou a educação superior, no campo das humanidades e das artes.

É quase universalmente reconhecido que o Ocidente apresenta para todo o mundo a trilha do desenvolvimento econômico bem sucedido, muito embora nos últimos anos tenha havido problemas provocados pela inflação. Contudo, muitas pessoas que vivem no Ocidente não estão satisfeitas com a sua própria sociedade. Elas a acusam de não estar à altura do nível de maturidade atingido pela humanidade. Um certo número destes críticos se viram para o socialismo, que "é uma corrente falsa e perigosa".

Espero que ninguém presente pense que minhas críticas ao Ocidente signifiquem que eu esteja apresentando o socialismo como uma alternativa. Tendo experimentado o socialismo aplicado em um país onde a alternativa foi realizada, eu certamente não o defenderei. O conhecido matemático soviético Shafarevich, membro da Academia Soviética de Ciências, escreveu um livro brilhante, com o título "Socialismo"; trata-se de uma profunda análise demonstrando que o socialismo de qualquer tipo ou coloração leva à total destruição do espírito humano.

O livro de Shafarevich foi publicado na França há quase dois anos, e até agora ninguém foi capaz de refutá-lo. Dentro de pouco tempo ele será publicado em inglês, nos Estados Unidos.

Mas se alguém me perguntasse se eu indicaria o Ocidente, tal como ele é hoje, como modelo para o meu país, francamente eu teria que responder negativamente. Não, eu não poderia recomendar sua sociedade, em seu estágio atual, como a ideal para modelar a nossa. Através de um intenso sofrimento, o nosso país agora atingiu um desenvolvimento espiritual de tal intensidade que o sistema ocidental, em seu estágio atual de exaustão espiritual, não parece atraente. Mesmo as características de sua vida, que eu acabei de mencionar, são extremamente tristes.

Um fato que não pode ser contraditado é o enfraquecimento dos seres humanos no Ocidente, enquanto no Leste eles estão ficando cada vez mais firmes e fortes. Seis décadas para o nosso povo e três décadas para o povo da Europa Oriental: neste prazo nós experimentamos um treinamento espiritual muito além da experiência ocidental. A complexidade da vida, e seu peso mortal, produziram características mais fortes, mais profundas e mais interessantes que as geradas pelo bem-estar estandardizado do Ocidente. Portanto, se a nossa sociedade se transformasse na sua, isto significaria uma melhoria em certos aspectos, mas também uma mudança para pior em outros particularmente significativos. É verdadeiro, contudo, que uma sociedade não pode viver no abismo da ausência de lei, como no caso do meu país. Mas também é aviltante eleger a placidez legalística mecânica como se fez aqui. Depois de sofrer décadas de violência e opressão, a alma humana anseia por coisas mais altas, mais dignificantes e mais puras do que estas oferecidas pelos hábitos de vida massificantes de hoje, provocados pela revoltante invasão da publicidade, pela letargia da TV e por música intolerável.

Tudo isso é visível para os observadores de todos os mundos do nosso planeta. O estilo de vida ocidental será cada vez menos o modelo predominante.

Existem advertências claras que a história dá às sociedades ameaçadas ou moribundas. Tais como, por exemplo, a decadência da arte, ou a falta de grandes estadistas. Há outras advertências, também. O centro da democracia e da sua cultura foi deixado sem luz elétrica por algumas horas e, de repente, hordas de cidadãos norte-americanos começaram a saquear e a devastar. O verniz da superfície deve ser, então, muito fino, e o sistema social muito instável e insalubre.

Mas a luta pelo nosso planeta, a luta física e espiritual, uma luta de proporções cósmicas, não é um assunto vago do futuro; ela já começou. As forças do mal já começaram sua ofensiva decisiva, pode-se sentir a sua pressão; contudo, os seus vídeos e as suas publicações estão cheias de sorrisos e alegria.

A despeito da abundância de informação, ou talvez por causa dela, o Ocidente tem dificuldade como ela é. Houve ingênuas previsões de alguns especialistas norte-americanos segundo as quais Angola se transformaria no Vietnã da União Soviética, ou que as incursões cubanas na África poderiam ser melhor impedidas através da cortesia norte-americana em relação a Cuba. O conselho de Kenan

ao seu país — começar unilateralmente o desarmamento — pertence a esta mesma categoria. Se vocês soubessem como os mais inexperientes dos diplomatas soviéticos riem dos gênios políticos norte-americanos! Quanto a Fidel Castro, ele abertamente despreza os Estados Unidos, ao mandar suas tropas a lugares distantes; saindo daqui do lado. Contudo, o mais cruel engano ocorreu com a falta de entendimento sobre a guerra do Vietnã.

Alguns sinceramente queriam que todas as guerras terminassem o mais rápido possível. Outros acreditavam que havia lugar no Vietnã ou no Camboja para a ação comunista, como hoje se vê com clareza. E os membros do movimento contra a guerra do Vietnã acabaram-se envolvendo numa traição às nações do Extremo Oriente, em um genocídio e no sofrimento atualmente imposto a 32 milhões de pessoas. Estes pacifistas convictos ouvem as lamúrias que vêm de lá? Eles entendem sua parcela de responsabilidade? Ou eles preferem não ouvir? A inteligência norte-americana perdeu sua lucidez e, como consequência, o perigo está hoje muito mais próximo dos Estados Unidos. Mas ninguém parece preocupado. Seus políticos míopes que assinaram apressadamente a capitulação do Vietnã certamente deram à América uma pausa; mas agora 100 Vietnãs a assombram. Aquele pequenino Vietnã foi uma advertência e uma oportunidade de mobilizar a coragem nacional. Mas se uma América poderosa foi na verdade derrotada por um pequeno país meio comunista, como pode o Ocidente enfrentar o futuro?

Já tive ocasião de dizer que no século XX a democracia ocidental não venceu nenhuma guerra maior sem ajuda e a proteção de um poderoso aliado continental cuja filosofia e ideologia ela não questionou. Na Segunda Guerra, contra Hitler, ao invés de vencer a guerra com as suas próprias forças, que certamente teriam sido suficientes, a democracia ocidental ajudou e cultivou um outro inimigo que demonstraria ser muito pior e muito mais poderoso, pois Hitler nunca teve tantas riquezas e tanta gente, nem ele ofereceria idéias tão atraentes, nem tinha tantos aliados no Ocidente — uma quinta coluna potencial — quanto a União Soviética. Hoje, algumas vozes ocidentais já falaram de obter proteção de uma terceira nação no próximo conflito mundial, se é que val haver um; neste caso, o escudo seria a China.

Eu não queria que isto ocorresse, para nenhum país do mundo. Em primeiro lugar, é novamente uma sinistra aliança com o Mal; na verdade, isto aliviaria os Estados Unidos durante algum tempo, mas quando, no futuro, a China com seu bilhão de habitantes se voltasse, armada com armas norte-americanas, os Estados Unidos se tornariam vítima de um genocídio similar ao que foi perpetrado no Camboja nestes dias.

E nenhuma arma, por mais poderosa que seja, pode ajudar o Ocidente; até que ele vença a sua perda de vontade. Num estado de fraqueza psicológica, as armas se transformam num peso para o lado que capitula. Para se defender é preciso estar pronto para morrer; e há quase nenhuma desta vontade numa sociedade emanada do culto do bem-estar social. Nada, portanto, sobra, a não ser concessões, tentativas de ganhar tempo, e traição. Foi assim que na triste conferência de

Belgrado, em sua fraqueza, diplomatas ocidentais livres se renderam, enquanto membros escravizados do Grupo de Helsinque estão sacrificando suas vidas.

O pensamento ocidental se tornou conservador; a situação mundial deve continuar como está, a qualquer custo; não deve haver mudanças. Este sonho debilitante de *statu quo* é o sintoma de uma sociedade que já chegou ao fim do seu desenvolvimento. Mas não é preciso ser cego para não ver que os oceanos não pertencem mais ao Ocidente, e que a terra sob o seu domínio está encolhendo. As duas assim chamadas guerras mundiais (na verdade elas nem chegaram perto de uma escala mundial) significaram a destruição interna do pequeno Ocidente progressista, o que preparou o seu fim. A próxima guerra (que não necessita ser uma guerra atômica, nem acredito que o será) talvez enterre para sempre a civilização ocidental. Enfrentando tal perigo, com tantos valores históricos em seu passado, e num tal nível de realização da liberdade (e de devoção à liberdade), como se pode perder quase todo o desejo de se defender?

Como surgiu esta desfavorável relação de forças? Como o Ocidente evoluiu de sua marcha triunfal para a fraqueza de hoje?

Houve desvios ou perdas de rumo em seu desenvolvimento? Parece que não. O Ocidente se manteve avançando socialmente de acordo com as suas proclamadas intenções, com a ajuda de um brilhante progresso tecnológico. E, de repente, ele se viu no atual estado de fraqueza. Isto significa que o erro deve estar nas raízes, na própria base do pensamento humano destes últimos séculos. Refiro-me à visão ocidental do mundo que emergiu primeiro durante o Renascimento, e que se expressou politicamente no período do Iluminismo. Ela se tornou a base para o governo e ciência social, e poderia ser definida como humanismo racionalístico ou autonomia humanística: a proclamada e imposta autonomia do homem em relação a forças mais altas. Ela também pode ser denominada antropocentrismo, com o homem visto como o centro de tudo o que existe.

A mudança introduzida pelo Renascimento evidentemente era inevitável historicamente. A Idade Média chegou ao fim natural pela exaustão, tornando-se uma repressão intolerável e despótica da natureza humana em favor do espírito. Depois, contudo, nós viramos as costas para o Espírito, e abraçamos tudo que é material com um zelo excessivo e sem discussão. Esta nova forma de pensar, que nos impôs sua orientação, não admite a existência do mal intrínseco no homem, nem vê tarefa mais elevada do que atingir a felicidade terrestre. E baseou a moderna civilização ocidental no perigoso padrão da adoração do homem e de suas necessidades materiais. Tudo mais além do bem-estar social e da acumulação de bens materiais, todas as outras necessidades ou características humanas, foram deixadas de lado da área de atenção do Estado ou dos sistemas sociais, como se a vida humana não tivesse um sentido superior.

Isto deu acesso ao mal, do qual existe em nossos dias um fluxo livre e constante. A mera liberdade não resolve os problemas da vida humana, e até mesmo acrescenta alguns poucos.

Contudo, nas democracias mais antigas, como na democracia americana em seu nascimento, todos os direitos individuais humanos derivam do fato de o homem ser uma criatura de Deus. Isto é, a liberdade era dada ao indivíduo condicionalmente, na suposição de sua constante responsabilidade religiosa. Esta foi a herança dos primeiros mil anos. Há 200 anos, ou mesmo 50 anos, teria sido impossível, na América que um indivíduo tivesse liberdade sem limites, simplesmente para a satisfação de seus instintos ou fantasias. Subseqüentemente, contudo, todas estas limitações foram desconsideradas em qualquer lugar do Ocidente; uma liberação total ocorreu, a partir da herança de séculos cristãos, com suas grandes reservas de piedade e sacrifício. Os sistemas estatais foram ficando cada vez mais e totalmente materialistas. O Ocidente acabou por impor os direitos humanos, às vezes até excessivamente, mas o senso de responsabilidade em relação Deus e à sociedade foi ficando cada vez mais fraco. Nas últimas décadas, a característica legalística e egoísta da visão e do pensamento ocidental chegou à sua dimensão final, e o mundo atingiu uma séria crise espiritual e um difícil impasse político. Todo o glorificado progresso tecnológico, incluindo a conquista do Espaço, não redime o século 20 de sua pobreza moral, que ninguém seria capaz de imaginar há 50 anos.

E enquanto o humanismo, em seu desenvolvimento, se tornou cada vez mais materialista, ele foi ficando mais e mais acessível à especulação e à manipulação, primeiro pelo socialismo, e depois pelo comunismo. E tanto que Karl Marx foi capaz de dizer, em 1844, que "o comunismo é o humanismo naturalizado".

Esta afirmação demonstrou ser não totalmente desprovida de sentido. Pode-se ver as mesmas pedras nas bases do humanismo desespiritualizado que em qualquer tipo de socialismo: materialismo sem fim; liberdade sem religião ou responsabilidade religiosa, o que nos países sob regime comunista atinge o estágio de uma ditadura anti-religiosa; concentração das estruturas sociais, com um mesmo tipo de *approach* científico. (Isto é típico, do Iluminismo do século 18 e do marxismo.) Não é sem coincidência que todos os juramentos e as fianças comunistas são sobre o Homem com H maiúsculo, e sua felicidade terrestre, à primeira vista isto parece um bizarro paralelo: traços comuns no pensamento e no modo de vida do Ocidente e do Leste, hoje? Mas é este o desenvolvimento lógico e materialista.

As inter-relações são tais, além disso, que a corrente do materialismo que fica mais à esquerda sempre acaba sendo a mais forte, a mais atraente e vitoriosa, porque é mais consistente. O humanismo sem a herança cristã não pode resistir a esta competição. Podemos ver este processo nos últimos séculos, e especialmente nas últimas décadas, em escala mundial, tornando a situação cada vez mais dramática. O liberalismo foi inevitavelmente deslocado pelo radicalismo; o radicalismo teve de se render ao socialismo; e o socialismo nunca pôde se opor ao comunismo. O regime comunista do Leste pôde resistir e crescer devido ao entusiástico apoio de numerosos intelectuais ocidentais que se recusaram a ver os crimes do comunismo. E quando não podiam mais ignorá-los, passaram a justificá-los. Em nossos países do Leste o comunismo sofreu uma completa derrota ideológica; não mais do que zero. Mas os intelectuais ocidentais ainda o olham com interesse e com empatia, e é isto precisamente o que torna muito difícil para o Ocidente opor-se ao Leste.

Não estou examinando aqui o caso de uma guerra mundial e as modificações que ela produziria na sociedade. Enquanto acordamos toda manhã debaixo de um sol pacífico, devemos levar uma vida normal. Mas há uma catástrofe, contudo, que já vem de algum tempo. Refiro-me à calamidade de uma consciência humana desespiritualizada e sem religião.

Para esta consciência, o homem é a pedra-de-toque no julgar e avaliar tudo na terra. O homem imperfeito, que nunca está livre do orgulho, do egoísmo, da inveja, da vaidade, e de dúzias de outros defeitos. Nós não estamos experimentando as conseqüências de erros que não tenham sido percebidos no início da jornada. Desde os dias do Renascimento, até hoje, enriquecemos a nossa experiência, mas perdemos de vista o conceito de uma Entidade Suprema que costumava refrear nossas paixões e nossa irresponsabilidade. Colocamos esperanças demais nas reformas políticas e sociais, apenas para descobrir que estávamos sendo despojados de nosso maior dom: nossa vida espiritual. No Leste isto foi destruído pelas maquinações do partido rō poder. No Ocidente o interesse comercial tende a sufocá-la. Esta é a verdadeira crise. A ruptura do mundo é menos terrível que a doença que ataca suas partes.

Se o humanismo tinha razão ao declarar que o homem nasceu para ser livre, ele não teria nascido para morrer. Mas desde que seu corpo está destinado a morrer, sua tarefa na terra evidentemente tem que ter uma natureza mais espiritual. Que não pode ser a fruição irrestrita. Que não pode ser a busca dos melhores meios de obter bens materiais e o seu gozo total. Deve ser a realização do dever permanente e inarredável segundo o qual cada dia da vida de cada um seja uma experiência de crescimento moral, de modo que possa deixar a vida melhor do que quando começamos. É imperativo rever-se a tábua dos valores humanos.

Sua inadequação hoje é aberrante. Não é possível que a avaliação de um presidente seja reduzida à pergunta sobre quanto se ganha ou sobre a disponibilidade da gasolina. Apenas a autolimitação voluntária pode elevar o homem acima da corrente mundial do materialismo.

Seria um retrocesso ater-se hoje às mumificadas fórmulas do Iluminismo. O dogmatismo social os deixa completamente indefesos diante dos julgamentos de nosso tempo.

Mesmo que sejamos poupados pela destruição da guerra, nossas vidas terão que mudar se quisermos salvar a vida da autodestruição. Não podemos evitar a revisão das definições fundamentais da vida humana. É verdadeiro que o homem está acima de tudo? Não há nenhum Espírito Superior acima dele? É correto que a vida do homem e as atividades da sociedade tenham que ser determinadas pela expansão material em primeiro lugar? É permissível promover esta expansão em detrimento de nossa integridade espiritual?

Se o mundo não chegou ao seu fim, ele já atingiu um ponto de decisão na história, tão importante quanto a passagem da Idade Média para o Renascimento.

Ponto de decisão que vai cobrar de nós uma revolta espiritual, que vai exigir de nós uma nova visão, um novo nível de vida em que nossa natureza física não seja amaldiçoada como na Idade Média, e principalmente em que nosso ser espiritual não seja pisoteado como na Idade Moderna.

Esta ascensão será semelhante à subida ao novo estágio antropológico. Ninguém na terra tem outra saída que não para cima.